

Coimbra

JORNAL DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE
ANO II

3 DE MARÇO DE 1935

N.º 12

PREÇO 50 CENTAVOS

Redacção e Administração
Associação Académica de Coimbra

Direcção e propriedade de
Jorge de Moraes e António Cruz (editor)

Composto e Impresso na
Casa Minerva — Coimbra

VAI finalmente ter lugar, no dia 9 do próximo mês de Abril, — data gloriosa que lembra um feito inesquecível do nosso Exército nos campos da Flandres — a homenagem aos estudantes da Universidade mortos na Grande Guerra evadida a efeito por toda a Academia de Coimbra e a iniciativa deste jornal, depois dum alvitre do nosso querido amigo sr. dr. Fernandes Martins.

Cerimónia que se revestiu da maior simplicidade, ha-de ela traduzir, no entanto, a grande admiração que os estudantes votam aos seus antigos colegas e todos aqueles que se bateram, quer em Flandres quer em Africa, pelo Direito, pela Justiça, — e pela própria integridade de Portugal, defendendo o seu vasto império.

Nessa hora de alta fé e ideal em que se ha-de proceder ao descerramento duma lápide nos Paços da Associação Académica, todos os corações baterão no mesmo ritmo, esquecidas retaliações que, a mór parte das vezes, nem sequer tem fundamento.

PARA auxiliar a «Obra de Assistência do Professor Dr. Elysis de Moura» realizou-se ontem, nos esplendidos salões da Filial da Companhia Industrial de Portugal e Colónias, uma festa encantadora a que tivemos o prazer de assistir.

Foram promotoras dessa festa — que se repete na próxima terça-feira — as distintas Senhoras D. Anna Maria de Sousa Withnich Carisso, D. Alice da Silveira Machado

UNIVERSIDADE

Em artigo do ilustre Professor da Faculdade de Letras da nossa Universidade, sr. Doutor J. da Providência Costa sobre as *Tendências gerais da Universidade alemã actual*, publicado num jornal de Lisboa, lemos os períodos seguintes, acêrca da nova orientação do ensino universitário germano: «A' velha tendencia uniformizadora, unificadora, centralizadora... sucede uma tendencia regionalista, diferenciadora, orquestral que protege as pequenas universidades provinciais, fontes eternas de nacionalismo e de saber. Com efeito, a experiencia demonstrou que os grandes chefes e os grandes sábios vinham quasi sempre, não da grande universidade da capital, mas das pequenas, tantas vezes obscuras e desprezadas universidades da provincia... Defender e desenvolver as universidades provinciais é defender a própria nação no que ella tem de mais sagrado.»

Sublinhamos estas palavras do ilustre Cate-drático da nossa Universidade, não com palavras louvaminheiras que o seu character e o seu temperamento repudiam, — mas com esta confissão: sentimos bem quanto se adaptam ao problema universitário português as referencias feitas ao problema universitário alemão pelo sr. Doutor J. da Providência Costa.

Que mais dizer? Todos sabem de sobejo quanto a *provincial* Universidade de Coimbra tem sido abandonada e esquecida, em certas fases do labor nacional. No entanto, ha que reconhecer que Portugal deve à Universidade de Coimbra — a *sua* Universidade — os maiores serviços. Sirva-nos esta lembrança de consolação, já que tantas amarguras nos causa o facto de não vermos a Universidade de Coimbra usufruir as regalias a que tem justo direito.

Menezes e Castro, D. Eduarda Hickling Ivens Ferraz de Carvalho, D. Lucilia Pinto d'Oliveira Silva Pereira, D. Maria Amélia Correia Mendes Ramos e D. Regina Ferreira Braga de Pinna Cabral.

Permitindo-nos endereçar à Comissão a nossa simpatia e incitamento, não deixaremos de registar o seu nobre exemplo digno de ser imitado no desejo de fazer bem.

COM o extraordinário brilho que sempre imprime a todos os seus trabalhos, o sr. Dr. Rocha Brito realizou há dias, na Biblioteca Geral da nossa Universidade, uma esplendida conferencia, que foi escutada com a maior atenção pelas inúmeras pessoas que a ella tiveram a felicidade de assistir.

E porque não é facil — porque as palavras não dirtam tudo — fazer dessa conferencia uma critica que estivesse à altura das excepcionais qualidades do illustre conferente, julgamos que, transcrevendo noutro lugar algumas passagens colhidas à sorte, fazemos a mais justa referencia aquele trabalho, e proporcionamos aos nossos leitores o prazer de apreciarem mais uma vez o espirito fulgurante do sr. Dr. Rocha Brito, pois bem poucas são aquelas em que as imensas preoccupações da sua vida profissional de Professor insigne e medico illustre, lhe permitem emprestar ao nosso jornal a sua valiosissima colaboração.

A Orchidea

— DE —

José Joaquim da Cunha Melo



FABRICA DE COROAS
FLORES ARTIFICIAIS
E APRESTOS PARA
AS MESMÁS.

Telefone 4078



94 - RUA DAS FLORES - 102
PORTO

Em Lisboa o Hotel preferido pelos
estudantes de Coimbra é o

Suisso Atlantico Hotel

Cosinha higiénica
Quartos esplendidos

Preços especiais
para excursões

RUA DA GLÓRIA. 3
LISBOA

Farmacia do Castelo

COIMBRA

Deposito de instrumentos
e mobiliário cirurgicos

Aparelhos de electricidade médica

Vidraria para Laboratorios Marca "Palex"

Preços de absoluta concorrencia
com as casas de Lisboa e Porto

CASA CONFIANÇA

— DE —

Abilio A. dos Santos Junior

Praça do Comercio, 43 — Telef. 353

Acaba de receber Artigos de Verão
das ultimas novidades.

Alberto da Silva Aguiar

Couraça de Lisboa, 47

Alfaiataria Aguiar

Encarrega-se da execução de qualquer obra, com perfeição e rapidez. Preços reduzidos.

Especialidade em capas e batinas. Descontos a estudantes

Bilhares VITORIA

FABRICA DE BILHARES DE PRECISÃO

A mais importante Fábrica do País (no género)

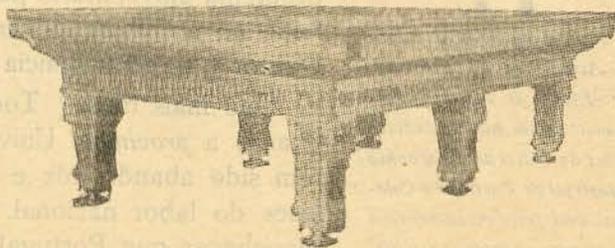


RUA DA VITÓRIA, 90 A 96

PORTO

Telefone 2756

PORTUGAL



AGÊNCIA EM LISBOA:

V.º Antonio Fusrtnau

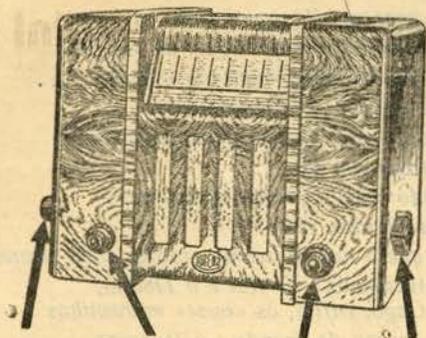
134 Rua dos Douradores, 2.º, E.

Telefone 20996

RADIO

“LORENZ” “MAGIC”

Para todas as ondas
e todas as correntes



30 anos de experiência garantem
a excelencia destes aparelhos

Assistencia técnica

Reparações por técnico competente

Peçam catalogos e demonstrações ao

SALÃO BEETHOVEN

EDITORES DE MUSICA

COIMBRA — Telef. 334

Evocação

*Naquela tarde triste e fria de Dezembro
em teus olhos vogava um lânguido cansaço...
Tua linda cabeça, Amor (se bem me lembro!)
docemente tombou exausta no meu braço...*

*Recordas-te?... Lá fora—a chuva, a tempestade..
E a sinfonia doida e histérica do vento
parecia rimar poemas de saudade
a soluçar e a rir no seu desvairamento!*

*A tarde ia vestindo um luto de viuva
pondo um véu de tristeza enevoado e baço...
... Corriam na vidraça as lágrimas da chuva...*

*Nossas bôcas, então, prenderam-se num beijo...
Nos teus olhos vogava um lânguido cansaço,
nos meus lábios pairava a febre de um desejo!*

JOAQUIM VEIGA

— 4 —

*Estando a casa acabada
com socapa de obras pias
tem huma negra prelada
mulata descabeçada
por braço de fidalguias.*

*E por não ficar vazio
com o casco de vento cheio
entrão judias de brio
que tudo faz hum vadio
sem começo, fim, nem meio.*

*Eis aqui o mundo as vexas
chorando por Jeremias
pois vemos em nossos dias
que cabeças, sem cabeças
são mulatas e judias.*

Esta, a glosa de Jorge Fernandes.
E logo vem outra, do Almoçeve mirador
das obaas. Queiram ouvi-lo:

*Senhor aqui me pozestes
por guarda deste mosteiro
porque se algum fizestes
tal labyrintho entendeyo
eu este trabalho aceito.*

*Pois por paschim me rogar
que te guie, sou contente
de contigo acompanhar
e brevemente mostrar
o que este mosteiro tem
por braço de fidalguias
são mulatas e judias.*

AS FREIRAS DE SANT'ANA

(ASPECTOS DA VIDA CONVENTUAL
DE COIMBRA NO SECULO XVII)

Ao dr. Jorge de Moraes, com um abraço

Num instrumento de composição entre o escadeiro Pedro Alvares de Figueiredo, por um lado, e Domingos Garcia, jáis de fóra, Pedro de Alpoim, cavaleiro, João Vaz, licenciado, Pedro de Figueiredo, procurador, e Nicolaa Anes e João Vaz, mesteres, por outro lado, instrumento lavrado no dia 9 de Maio de 1520 na *tôrre de rolaçom* desta cidade, onde de costame reaniam os vereadores, menciona-se a *eyra de patas*, — terreno baldio na sua maior parte, que de fóra do arco e porta do castelo se prolongava até onde, em 1600, o bispo de Coimbra D. Afonso de Castelo Branco fandoa o novo mosteiro de Santa Ana, para as ere-

ACABARAM OS CABELOS BRANCOS

1001 — Usando este produto os cabelos brancos voltarão à sua positiva cor!

1001 — Não é tintura, não contem nitrato de prata, não queima nem parte os cabelos.

1001 — Não mancha as mãos, a pele, não suja os cabelos nem travesseiros.

1001 — Destroi a caspa radicalmente.

1001 — Evita a queda do cabelo.

1001 — E' perfumado e os seus resultados são garantidos.

1001

Uma vez usada jámais será substituida

1001

O seu grande consumo obriga-nos a vender cada frasco a 12\$50

1001

Vende-se em todas as Drogarias, Farmácias, Barbearias e Bazares

LABORIO MINERVA
COIMBRA

— 2 —

mitas descalças de Santo Agostinho. A 13 de Fevereiro de 1610 se recolheram nele as primeiras freiras. E vem dessa data a crónica bem colorida e movimentada das freiras de Santa Ana, que deram brado e passaram à tradição pelas suas aventuras amorosas... (1)

Tão depressa o novo edificio do mosteiro, espaçoso e bem situado, abriu as suas portas, os poetas deram acôrdo de si, — e traçaram as primeiras páginas da crónica dos amores das freiras de Santa Ana. Ao que parece, o Bispo não foi muito feliz no recrutamento das primeiras cremitas descalças de Santo Agostinho. Numa das muitas e preciosas miscelâneas manuscritas da collecção de códices da Biblioteca da Universidade, lá fomos topar, a-propósito, o seguinte *Motte* ao mosteiro que fez em Coimbra o Bispo:

*O que este mosteiro tem
por brazão de fidalguias
são mulatas e judias.*

(1) A natureza deste trabalho não permite largar divagações. Ainda sobre o antigo lugar da *eyra de patas* remetemos o leitor para o *Indice chronológico dos pei gaminhos e foais existentes no Archivo da Camara Municipal de Coimbra*, do arqueólogo João Correia Aires de Campos. Outros documentos do Archivo Municipal, além do acima citado, nos falam da *eyra de patas*. Aí se erguia a antiga ermida de S. Martinho, segundo o *Tombo do concelho* de 1532. A mesma noticia se encontra na *veraeção* do município de 10 de junho de 1573.

Fita Métrica

*Na nossa Academia há coisas de espantar,
Há coisas que nem sei sequer explicar!
Senão, vejamos bem: há mais de quinze dias,
A sala «imperial» da nossa Associação
Saíu do seu socêgo. Enormes gritarias
Faziam estremecer quem quer que, na função
— melhor — Assembleia, impávido estivesse!...*

O que era?... «Foot-ball»!...

*Falou-se, discutiu-se e houve quem quizesse,
Até, fazer um rol*

*Desmacarando mais de trinta Directores!
O caso estava sério!*

*Mas... eis que o nosso «team» embica com furores
De fera achincalhada! O Rui e o Tibério,
Cristovam, Gago, enfim, os «onze» maravilhas
Começam a cascar de grande e à francesa,
Fazendo rebentar em mil e uma estilhas,*

Com galhardia tesa,

Aquela nossa velha, habitual galinha!...

E tudo se calou...

Pergunto eu: «porquê»?

... Saber perder com linha

E' coisa a que ninguém 'inda se habituou!...

ASSIS PACHECO

Visado pela Comissão de Censura

— 3 —

As glosas, no género, são do melhor que eu conheço. Lamento de véras não me ser possível publicá-las na integra. Mas os leitores descalçar-me-ão esta falta. E o que não fôr de todo hóspede no assunto, melhor e mais depressa do que ninguém... E' certo e sabido que a versalhada dos séculos 17 e 18, por vezes, de tão picante e licenciosa, — não pode ir além da cópia manuscrita e da leitura recatada, em roda de amigos...

Mas voltemos às glosas. E começemos pela glosa de Jorge Fernandes sobre este *motte*

*Bem vejo que desejas
saber destes apozentos
tão soberbos tão reaes
taes litreiros, taes portais
se são convento, ou conventos.*

*São conventos, convento hê
e depois do convento vem
a convento estar em pee
diruos ej por minha fee
o que este mosteiro tem
por brazão de fidalguias
são mulatas e judias.*

*Primeiramente foi feito
por cabeça sem cabeça
que quem fas bem por respeito
todo o mundo não tem geito
no bem que sem Deus começa.*

DESPORTOS

RUI, o eterno suplente

O nosso último número, que muito justamente dedicamos a RUI CUNHA, obteve um êxito extraordinário, que se traduz perfeitamente pela simpatia e admiração que o jogador académico mereceu do público, que acima de todos os partidarios mesquinhos deseja que — em qualquer campo e até no desportivo — aqueles que forem representantes nacionais saibam corresponder às justas aspirações de todos nós, não esquecendo que lhes é confiado, nessa altura, o nome de Portugal e o brio dos portugueses.

RUI, o avançado-centro da A. Académica e o melhor avançado-centro português — na opinião de abalisados críticos — tem que fazer parte este ano do onze nacional, porque é o depositário da confiança de todos os indivíduos que são imparciais e justos e que não são pagos.

A ninguém esqueceu ainda a vergonhosa figura que fizemos em Chamartin há um ano, sem que para ela tivéssemos contribuído por qualquer modo.

A única responsabilidade que dessa miséria nos cabe é termos confiado num seleccionador que não cumpria.

Está provado que os seleccionadores podem cumprir, mas também podem não cumprir — é certo e sabido que RUI, sendo jogador dum grupo de Lisboa, seria internacional há alguns anos —. E se para os seleccionadores só têm valor os jogadores de certos clubs, porque se não reprimem essas criminosas arbitrariedades?

E' o brio nacional que está em jôgo!

Mussolini, assim o entendendo, intervem directamente a reprimir faltas de consciência. E nós chamamos a esclarecida atenção do ilustre Presidente do Conselho.

Não somos nós, como estudantes, que queremos que RUI alinhe na selecção! Mas somos nós, como portugueses, que o exigimos! Comndesco está grande parte da imprensa portuguesa e muitos particulares, como o atestam as transcrições que a seguir fazemos e a carta que publicamos.

E assim, repetimos:

RUI CUNHA, o melhor avançado-centro português, é o legitimo representante de Portugal e tem que ocupar o lugar que lhe compete na selecção:

1.º — Porque é o depositário da confiança de todos os indivíduos imparciais e justos;

2.º — Porque o seu valor é indiscutivel segundo a opinião de criticos insuspeitos e abalisados; e

3.º — **Porque a Academia de Coimbra o exige, absolutamente cõscia dos seus deveres de patriotismo.**

* * *

A propósito do nosso último número, recebemos várias cartas de apoio e de incitamento que muito desejaríamos transcrever neste lugar, se a falta de espaço não nos impedisse de o fazer. No entanto, não podemos deixar de publicar a carta que se segue, do sr. dr. Adelino Lopes, distinto médico na Guarda e antigo aluno da nossa Universidade:

«Meu velho Xabregas

Recebi ontem o jornal COIMBRA de que v. sois director e proprietário. Antes de mais nada quero manifestar o meu contentamento, por me terdes posto em contacto com a academia a que pertenci

e perrencerei enquanto viver. E' este número dedicado ao grande RUI CUNHA. Bendita a v. lembrança; justiça lhe devemos chamar todos!

A sua fotografia está na minha secretária; quero que fique ali para sempre, para que, quando entrar no meu consultório, eu tire o chapéu e diga: «Bons dias, Rui!».

Mande sempre o jornal.

Guarda, 24-2-1935.

A. LOPES

O QUE DIZ A IMPRENSA

Em suma: os factos conjugaram-se de maneira a não se realizar a unica substituição que se impunha — a de Acacio pelo Académico Rui.

O outro novo ainda, Rui, teve tambem, apenas o defeito de não ter alinhado — e isso porque se esgotaram nervosamente as substituições, precisamente quando se indicava que elle fosse desalojar o incapaz Acacio.

Stadium — 15 de Março de 1934.

Na linha dianteira, o trio central jogou bem, sendo Rui Cunha o seu mais destacado elemento.

Os Sports — 7 de Fevereiro de 1935.

Não é demais salientar o bom trabalho de Rui que merece, sem dúvida alguma, uma experiencia na selecção nacional. Com um pouco mais de remate, estaria um avançado de valor, que estaria perfeitamente bem nas cores nacionais entre Waldemar e Pinga.

Sporting — 7 de Fevereiro de 1935.

Parece-nos no entanto, que se deve insistir na experiencia — Rui Cunha, ao centro do ataque da linha nacional. Tem boa presença em campo e qualidades de fino quilate.

Diário de Desportes — 9 de Fevereiro de 1935.

E em conjunto — os avançados foram mais poderosos, porque Rui, extremamente activo, com manejo de bola e remate potente, ameaçou.

Comercio do Porto — 12 de Fevereiro de 1935

O avançado centro da Académica continua a afirmar-se como a figura mais saliente no eixo do ataque de grupos portugueses.

Norte Desportivo

Nos avançados Pinga, Rui, Nunes e Mourão, foram os que mais nos agradaram. Temos mesmo a certeza

(Conclui na 8.ª página)

O primeiro lente, o primeiro dia d'aula, a primeira casa, o primeiro livro impresso, os primeiros alunos, as primeiras sebetas, o primeiro bacharel, o primeiro concurso, o primeiro licenciado, o primeiro doutor, o primeiro boticário o primeiro sangrador, o primeiro bedel

da Faculdade de Medicina desde a última
transferência da Universidade para Coimbra

Por deferência do prof. Rocha Brito, que gentilmente accedeu ao nosso pedido, temos o gosto de oferecer aos nossos leitores o prefácio das suas conferências pronunciadas na Biblioteca da nossa Universidade, onde, por iniciativa do seu Director o prof. Providencia e Costa, se vem realizando um notavel e util movimento de expansão universitário.

A sair brevemente da «Coimbra Editora» o trabalho do prof. Rocha Brito, esta nossa ideia será assim como que uma guarda avançada a anunciá-lo aos nossos amigos.

O que ides ouvir não me pertence. É dos bedéis e escrivãos — o cargo era cumulativo — dos estudos Gerais da Universidade renascentista.

Pela minha parte apenas cerzi com certa ordem os documentos existentes no precioso Arquivo Universitário, lidos e copiados, com religiosa, lenta e perdurável emoção que, praza a Deus, faça igualmente vibrar o coração dos meus ouvintes.

Nem só os bedéis. Também os escrivãos del-rei e por vezes algum fradinho vivaz e bom cronista meterá o seu bedelho na modesta palestra. E' verdade, aqui e ali, também há qualquer coisa da minha lavra; pouco é, mas diz-se a tempo para que a responsabilidade caiba a quem de direito.

A prosa é ingénua, um tanto monótona, mas quasi sempre o recheio é pitoresco; a sintaxe não é impecável. Contado ainda o pior era a letra, mas isso é... comigo.

Agora, atenção benévola e paciência cristã, é o que peço em nome deles e meu.

Têm a palavra os nossos vetustos bedéis, impertigados e solenes, no seu traje de gala, hábito talar, com sua loba de sêde forrada, mantéa comprido, calção e meia, sapatos alivelados e as mãos enlavadas empunhando a simbólica maça de prata dourada que pesava sete marcos e meio e custou «ho ouro três mil e duzentos rs e de feytio oito mil e duzentos e dez rs», com seu «cavo de cobre e cadea».

* * *

Por 1527 D. João III estava em Coimbra, fugido de Lisboa, onde o tabardilho grassava epidemicamente.

Hóspede do mosteiro de Santa Cruz, cuja tórre, último sobrevivente de gloriosos dias, acaba de ruir estrondosamente, deixando no lácies cidadão ferida indelevel e incatrizável, o monarca presenciara a operosa fecundidade pedagógica dos cônegos e, diz-se, concebera o propósito de transferir a Universidade para Coimbra, longe do bulício e divertimentos da capital, que era então o «impório do mundo, a princesa do mar oceano».

O velho bargo coimbrão, mal desperto do seu sono medieval e ainda estonteado pelo rático sol do Renascimento, ia receber a Universidade remozada,

noiva rica e bem dotada pelo rei mecenas, cheia de frescura, em estranho e singular consórcio, para o qual êle trazia a fisionomia medieval a um tempo grave e pitoresca, nítida e francamente medieval e ela, a Universidade, o fácies, psíquico de alta intelectualidade e cultura — *alma mater* — como com justiça ao depois se lhe tem chamado, imprimindo à cidade, à nossa Coimbra, essa feição e êsse zunho, mixto de muito velha e de sempre môça, canho e feição que nunca mais perdea e a tornam ainda hoje única no mundo entre as cidades universitárias e porventura para sempre, não obstante os depósitos sucessivos que o progresso lhe vai carregando.

Que interessante e singular não devera ser então o contraste flagrante entre as duas cidades — a alta e a baixa!

Dum lado a cidade alta, apertado o seu casario na cintura medieval das suas muralhas, com suas portas do Castelo, Belcoace, Moarisea e de Almedina, onde na Torre da Rolaçam, o sino de correr badalava as horas de recolher a penates e de fechar as portas das casas; d'Almedina para cima, em recinto fechado e privilegiado, o bairro ou coato de estudantes, doutores, serventaários e tudo que respeitava à vida universitária: açougues, picadeiro para o peseado, feira dos estudantes, constituindo o que hoje chamaríamos a cidade universitária; e lá no tópo, no mais alto da acrópole, coroando a colina, a Universidade, como cabeça pensante e dominadora, estadeava-se nos paços del-rei, onde a partir de 1544 estavam reunidas todas as faculdades, freqüentadas em 1540 por 612 escolares, a que poderéis jantar mais tarde dois mil e quinhentos estudantes cursando o monumental colégio das artes.

E do outro lado, para fora da cêrca de Almedina, a baixa ou arrabalde estendendo-se pela campina alegre do Mondego e que duas portas, a de Santa Sofia ou Santa Margarida e a da Portagem faziam comunicar com as estradas do Pôrto e de Lisboa. Era a cidade dos bons burgueses, mercadores e mesteiros, com suas lojas, e oficinas e mais dos monges, frades, clérigos, com seus conventos, mosteiros, colégios, mais as ruas e praças, de nomes pitorescos — calçada, coruche, santa Sofia, Figueira Velha, o largo de Sansão, a praça Velha, o bairro das tanoarias e olarias, a judiaria, a rua de Tinge rodilhas e da estalagem nova, a ponte dos arcos, sempre em obras por causa do rio. Ponde na imaginação a vida pacata e grave dos seus habitantes em face à vida alegre, raúdosa, às vezes conflituosa, freqüentemente violenta da academia e concordareis comigo que era pitoresco, flagrante de paradoxo, estranho e singular êsse conúbio de há séculos da Universidade com o velho bargo, nem sempre plácido, nem sempre sem amós, zangas e quesílias, mas no qual se contam por centenas os anos de recíproca felicidade, pois amós com os da câmara, zangas com os crazios, invejosos e absorventes, tudo foi passando com o tempo, bom médico e bom juiz.

(Continua no próximo número)

Dr. Armando Sampaio

Encontra-se em Coimbra, desde ontem, o nosso querido amigo e ilustre colaborador sr. dr. Armando Sampaio, — nome que ficou ligado para sempre à Academia de Coimbra pelo entusiasmo e desinteresse com que defendeu em tôdas as horas e em tôdas as emergências a causa do nosso desporto.

Retirado de Coimbra, continua ainda o sr. dr. Armando Sampaio a dedicar a maior atenção ao desporto académico. Assim, sempre que o grupo de honra da Associação Académica tem que jogar com outro grupo de responsabilidade, lá aparece o sr. dr. Armando Sampaio a incitar os nossos jogadores. Por outro lado, em Lisboa, onde fixou residência, desenvolve a sua actividade em defesa da Associação Académica, sempre que as circunstancias o exigem.

Eis o motivo porque o sr. dr. Armando Sampaio se tornou da simpatia de todos os estudantes de Coimbra e a razão porque dêste lugar o campri-mentamos e lhe agradecemos tudo quanto tem feito pela nossa Associação.

POETA

*Ai, meu Poeta, extranho e vagabundo,
Reliquia viva dum passado mórto...
Nau bizarra que arvora em cada pôrto
A flamula de mil voltas ao Mundo!*

*Ai, men Poeta, extranho e vagabundo,
Rei eleito do Reino — Desconfôrto...
— De que te valem, o Saber profundo
E os sonhos em que vives sempre absôrto?!*

*Sorris ainda, quando a magoa invade,
O teu peito viril, todo bondade
E a tua frente ao alto sempre erguida!*

*Ai, meu Poeta, extranho e visionário,
Herói sem nome dum Destino vário...
— Quantas vidas, tu vives, numa Vida!...*

Coimbra, 1935

J. PEREIRA

CANÇÃO

*Na tua dôca mimosa,
Dar tantos beijos sonhei,
Quantos dei naquela rosa
Que no domingo te dei.
E eu quizera — sonho louco —
Ver-te dar, apaixonada,
Naquela rosa encarnada
Que tantas vezes beijei
— Já me bastava bem pouco —
Um beijo que fôsse o trôco
Dos muitos que te mandei!*

HUGO GOMES DA SILVA

Deseja V. Ex.^a vestir com elegancia?

Deseja que os seus fatos pelo esmerado acabamento causem a admiração dos seus amigos? Pois tal desejo só poderá ser satisfeito na alfaiataria de António Rodrigues Noqueira, cita na Praça Velha, n.º 39-I.º
Telefone 1064.

Preços reduzidos á malta!...

ATENÇÃO!

António Dias da Conceição, proprietário da Adega da Rua Sota, 16, comunica á malta que acaba de receber directamente do Lavrador o formidável VINHO VERDE DE VIZELA.

Este vinho é um assombro!

Só provando se pode avaliar esta especialidade. Que ninguem deixe de visitar a Adega da Rua da Sota.

Deste vinho não há em parte nenhuma do Mundo.

Mais do que certo é a casa que mais sortido tem nos artigos de Verão. Voils, Sêdas, Crepes, etc., etc.

JORGE MENDES

97, Praça do Comercio, 100

COIMBRA

ACADÉMICA EDITORA

SILVA RAPOSO & C.ª L.ª

R. Candido dos Reis, 6 a 12 — Telefone 939 — COIMBRA

Livraria, Papelaria, Tabacaria, Perfumaria

Livros Nacionais e Estrangeiros

Literatura, Arte, Ciências, Medecina e Direito

Compendios para o ensino Primário, Secundário e Superior

Compra e Vende — LIVROS USADOS

DESPORTOS

(Conclusão da 5.ª página)

que com um bom interior directo, estes 4 homens devem compôr a avançada ideal.

Norte Desportivo

Na Académica de Coimbra, a linha dianteira produziu bom foot-ball, destacando-se Rui, que prendeu a atenção do público.

Diário de Coimbra

Rui, no Porto, realizou um magnífico trabalho que entusiasmou o público e a crítica.

Diário de Coimbra

Na linha avançada evidenciou-se Rui, de facto um perigoso avançado centro, rápido e decidido.

Diário dos Sports

Académica--Vitória

Chegam até mim certos rumores, que considero menos verdadeiros, sobre a maneira como o brioso grupo de foot-ball da A. Académica foi tratado em Setubal.

Apresso-me a dizer qualquer coisa sobre o assunto, para tentar pôr as coisas nos seus devidos lugares.

Velho carola da nossa Associação, estando em Lisboa, não podia deixar de acompanhar os rapazes a Setubal. Confesso, com a maior sinceridade, que ao retirar-me da cidade sadina, as minhas impressões eram as melhores.

Depois do que se passou em Coimbra há dois anos, estava longe de supor que o público de Setúbal tratasse os nossos rapazes da maneira que tratou. Não lhe atiraram flôres nem andaram com êles ao colo... evidentemente. Mas foram recebidos com palmas e a assistência, embora animando os seus, foi bastante correcta para com os nossos. Esta é que é a verdade e eu não posso consentir que a atropelem, sem pelo menos manifestar a minha maneira de pensar.

Houve jogadores do Vitória que foram duros? Mas isso é tudo quanto há de mais natural. O foot-ball é assim mesmo, feito de valentia e para ser jogado por homens. Tratava-se dum jogo oficial que, se para os nossos era de responsabilidade, para os setubalenses não o era menos.

Houve académicos molestados, mas nenhum ficou no estado desgraçado do defesa esquerdo do Vitória, que fracturou os ossos do nariz num choque com Rui. E no entanto, eu afirmo sem receio de desmentido, que o nosso avançado centro não foi violento, antes jogou com lealdade e correcção.

Assim é que as coisas se passaram e das colunas do «Coimbra» apelo para a Academia, para quando da vizita dos setubalenses na 2.ª volta, os saiba receber com a proverbial cordealidade com que recebe todos os visitantes. Procedendo assim, só dignificam e honram o bom nome da Associação Académica de Coimbra, pela qual os jogadores estão dando gene-

EINSTEIN

E A IDADE DA TERRA

... No século passado, Lord Kelvin, geralmente considerado como autoridade em matemáticas e física, chegou à conclusão de que a Terra não podia ter mais de uns quarenta milhões de anos... Mais tarde revia os seus cálculos, aumentando a idade à respeitável cifra de cem milhões de anos.

Mas os geólogos, dizendo que Lord Kelvin tinha restringido demasiadamente o seu primeiro cálculo, não ficaram também satisfeitos com o segundo, pois insistiam que a Terra era ainda muito mais velha. Sem dúvida, as últimas afirmações do professor Einstein devem tê-los alegrado.

Já há bastante tempo que o professor Einstein, numa conferência que fez em Berlim, afirmou que a idade da Terra se elevava à insignificância de 10.000.000.000 (dez mil milhões) de anos, baseando a sua afirmação na teoria explosiva do universo, segundo a qual o mesmo se está expandindo a uma grande velocidade.

Como era de esperar, a afirmação de Einstein foi acolhida com reserva. Para alguns cientistas, a Terra não está a receber muito bons tratamentos das mãos do famoso matemático, e opinam que são anos de mais...

Em resumo: a idade da Terra continua sendo um segredo. Uma coisa é certa e positiva, e em que estão de acordo todos os cientistas, geólogos, físicos e astrónomos: é que a Terra não é uma criança de seis mil primaveras, mas uma matrona já bastante trôpega (1).

J. M. MARTÍNEZ

(1) Acrescentariamos nós: «... e já com idade bastante para ter juízo...»

rosamente o melhor do seu esforço.

O bom senso não deve consentir represálias, que neste momento seriam descabidas e injustas.

O que se passou há dois anos já lá vai e nem deve ser lembrado, para bem do desporto. Passemos uma esponja sobre esses tristes acontecimentos e lembremo-nos que Setubal já os esqueceu. Deu no passado domingo provas suficientes de que não guarda o menor ressentimento. Para se fazer uma ideia das boas intenções da direcção do Vitória, basta afirmar que organizou um baile em honra dos nossos jogadores, que se a êle não assistiram, foi por terem a necessidade de retirar para Coimbra devido aos seus afazeres escolares.

Portanto, mais uma vez apelo para a nossa academia, lembrando-lhe a necessidade de receber os simpáticos setubalenses com o aprumo que só a academia de Coimbra sabe ter quando quere.

Antes de terminar as minhas considerações, não quero deixar de dizer que de Setubal só trouxe uma recordação má. Foi do árbitro que, quanto a mim, não usou da imparcialidade que era de esperar.

Infelicidade talvez... Mas, por muito infeliz que êle tivesse sido, a maior infelicidade foi para nós, que perdemos o jogo por um «penalty» que ninguém viu e não tivemos a nosso favor outros dois que toda a gente observou.

A. SAMPAIO